

SÉRIE TRAJETÓRIAS 2008

Palestrante: José Botelho

Local: Rua da Lapa, 120/12º andar

Data: 11 de novembro de 2008

Hora: 17:00

Vai ser difícil eu resumir 77 anos da minha vida em cinquenta minutos, mas vou procurar resumir ao máximo.

Eu nasci no Rio de Janeiro. Até minutos atrás, por exemplo, o nosso colega Turibio pensava que eu era português, mas sou brasileiro, carioca de São Cristóvão. Fui para Portugal com dois anos de idade e voltei com vinte e dois. Lá eu me formei e aprendi tudo de bom e de ruim que eu possa ter. É uma situação que os meus filhos às vezes perguntam: se um dia, há um jogo de Portugal e Brasil, eu vou torcer por quem? Eu digo que é para um empate. Eu me sinto como português e brasileiro. Pelas leis portuguesas tenho dupla nacionalidade. Eu fui para lá com dois anos e me formei com sete anos, quando aprendi a tocar violão. Com doze ou treze anos entrei para o Conservatório de Música do Porto e me formei lá. Com dezesseis anos eu já estava na Sinfônica do Porto.

A minha trajetória foi muito curta porque passei o meu tempo estudando, e quatro ou cinco anos na orquestra tocando 2º clarinete com o meu professor. Voltei para o Brasil e sou fundador da OSESP em São Paulo, em 1953.

Aconteceu algo interessante: estava em casa – eu tinha que aparecer em algum lugar para saberem que estava aqui (o país naquela época tinha três orquestras sinfônicas: Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Theatro Municipal de São Paulo, Orquestra Sinfônica Brasileira e uma orquestra pequena que era a Orquestra da Gazeta, em São Paulo. Então, fui à Rádio Nacional procurar para tocar em um programa que havia lá – GE – e quem regia era o Léo Peracchi, para tocar e dizer que eu existo. Isso foi em janeiro de 1953 e ele me disse o seguinte: - você trouxe clarinete? Eu disse que não e ele me disse que não o levasse a mal, mas ele precisava ouvir se eu sabia tocar. Eu perguntei se ele tinha material de orquestra e ele disse que não e eu perguntei onde conseguia e ele me disse que na Escola de Música. Saímos lá da Praça Mauá e fomos para Escola de Música com o meu irmão. Quando cheguei lá, eles estavam de férias. Havia um senhor de cabelos brancos na portaria, um sujeito muito bacana que me disse que estava sendo organizada uma orquestra em São Paulo e eu lhe pedi o endereço. Era no quarto centenário, eu me inscrevi e me preparei. Meu irmão disse que tínhamos que arrumar um “pistolão” e eu questionei o que seria isso. Ele me disse que era aquilo que fazíamos em Portugal: meter uma cunha. Eu disse que não precisava disso.

Cheguei lá, fiz o concurso e logo em seguida eu descobri que a OSESP também estava sendo criada e me inscrevi nela, também, porque eu achava que alguma coisa de bom iria acontecer. Quinze dias depois o meu irmão veio com um jornal de São Paulo, dizendo que eu não tinha sido aprovado. Aquilo foi um choque para mim. Eu me inscrevi em outra e fui fazer o concurso com o tal do “pistolão”. Cheguei em São Paulo, entreguei o “pistolão” a uma pessoa indicada e fiz a prova. Quando acabou a prova, o Souza Lima que era o Presidente do júri, disse: - você se lembra daquela peça de confronto que você tocou lá na outra orquestra? Eu disse que lembrava vagamente

e ele pediu que eu a tocasse porque eu já havia feito o meu concurso. Eu toquei e quando acabei de tocar um dos membros da banca examinadora - era o mestre da Banda da Força Pública de São Paulo - me aplaudiu. Quando o Souza Lima foi me levar na saída ele disse que aquela carta era desnecessária, porém eu disse que não havia passado na outra e ele riu. Logo que eu saí, tinha uma moça da minha idade ou um pouco mais velha, violinista da Orquestra do Teatro Municipal de São Paulo, e disse que tinha vindo assistir porque queria saber o que estava acontecendo, pois tinha ouvido falar no meio musical em São Paulo que ia aparecer um clarinetista português muito bom e que não tinha sido aprovado. Já estava se prevendo que o que estava acontecendo não era legal e tanto não era que o Jânio Quadros assumiu a Prefeitura e cancelou todas aquelas contratações. Eu fiquei na Orquestra Sinfônica Estadual, fundada em 1953, que funcionou durante três meses e depois não tinha mais dinheiro para pagar e fiquei com uma mão atrás e outra na frente. Depois tudo deu certo e acabei indo para a Orquestra da Gazeta e mais tarde, em 1958, vim para a Orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

Comecei a fazer o meu conhecimento, as minhas amizades e daí pra cá fui tocando aqui e ali. Fui professor na Escola de Música Villa-Lobos, fui professor da UNIRIO – eu estou falando da parte profissional de músico. Muita coisa que se fez no Brasil foi feita por mim com o Noel Devos e os nossos colegas. Os compositores que até então não escreviam começaram a escrever, então surgiu o *Concertino*, de Mignone, o *Concertino*, de Siqueira, surgiram muitas peças de música de câmara de Mignone, Camargo Guarnieri já tinha feito o *Choro* que toquei várias vezes e foi por aí fora. O que tem de música brasileira que foi dedicada a mim não é brincadeira. Nós contribuímos muito para que aconteça hoje o prazer de fazer música. Acho que almocei umas mil vezes na casa do Devos e já era um hóspede cativo na casa dele. A minha vida foi toda assim, corre pra cá, corre pra lá.

Hoje existe campo para que o músico só tenha um emprego ou dois, no máximo, mas no meu tempo não tinha isso não, era um corre-corre muito grande. Eu saía de casa e a minha filha mais velha estava dormindo e quando eu voltava, ela estava dormindo. Um dia ela perguntou a minha mulher se eu estava viajando e ela disse que não, mas que eu estava trabalhando.

Muita coisa aconteceu na minha vida e houve cenas engraçadas. Uma vez eu estava tocando em um recital e fui elogiado de todas as formas, como por exemplo: o senhor é um iluminado. Outra vez, acabei de tocar, entrou um sujeito no camarim e me xingou de “filho da...” e eu fiquei olhando para ele esperando o que ia acontecer. Ele repetiu umas duas ou três vezes, aí saiu e quando chegou na porta ele parou, virou para mim e disse: - Vai tocar bem assim na ...

Eu recebi críticas como ‘iluminado’, ‘um show de clarinete’ no *Concertino* de Mignone, feito por Luiz Paulo Horta, o ‘som de prata pura’ por Antônio Hernandez, ‘um senhor clarinetista’, por Edino Krieger; fora daqui, em Portugal: ‘quem não assistiu ao concerto do clarinetista brasileiro José Botelho perdeu a chance de ouvir o maior clarinetista que até hoje apareceu na cidade do Porto’ – eles não sabiam que eu estudei lá.

Fica meio difícil falar essas coisas aqui porque parece até que estou me auto-elogiando, mas foram fatos que aconteceram e estou aqui para isso.

Eu estive uma vez na Bahia, num festival que houve lá, e entrou um senhor - baixinho, bem vestido, de cor - no camarim, chegou perto de mim e disse assim: - eu vim aqui assistir ao seu recital para saber se é verdade tudo o que me contaram sobre o senhor. Eu comecei a rir e disse que ele era meu convidado e que ele não ia pagar a entrada. Quando acabou o concerto, ele entrou e disse que eu era o segundo melhor músico que ele tinha visto na vida. Então, são coisas assim que acontecem na vida da gente.

Uma vez eu estava defendendo o leite das crianças – eu tocava numa bandinha da Rádio Nacional chamada “Lírio de Sopotó” e pedi ao Pestana, que era um fagotista, para que fizesse um arranjo para a música de uma peça de um compositor brasileiro muito interessante, muito clarinetística, *Chuva de flores*, que todo mundo conhece e tocamos isso na Rádio Nacional. Na época que não tinha televisão – já existia, mas era local só. A Rádio Nacional era uma rádio muito potente e que se ouvia em todo lugar do Brasil. Aquele programa foi repetido várias vezes porque as pessoas ouviam no interior do Brasil e no norte, principalmente. Quando eu fiz turnê pelo Brasil com a Laís, todo mundo que ia assistir chegava perto de mim e perguntavam se eu era o José Botelho – naquele tempo eu tinha trinta e poucos anos. Eu perguntava para as pessoas por que razão elas me perguntavam se eu era mesmo o José Botelho e as pessoas diziam que pensavam que eu era um homem de setenta anos e eu perguntava: - só velho é que toca bem? As pessoas perguntavam para mim se clarinetista podia tocar música clássica.

Eu não sei se a Laís se lembra disso, mas nós estávamos tocando no Acre, em Rio Branco, num calor tremendo e o porteiro chegou na plateia e ficou conversando com um sujeito que estava na primeira fila – conversando alto. Eu parei e fiquei esperando que ele acabasse de falar e o sujeito apontou para mim e perguntou se estava me perturbando. Eu respondi que não, que eu esperava ele sem problema nenhum. O povo começou a rir e depois ele foi me enfrentar, mas acho que ele pensou uma ou duas vezes e me pediu desculpas.

Na minha vida sempre teve surpresas, sempre teve alegrias. Eu sou uma pessoa feliz, não tenho nada contra ninguém. Também não tomo conhecimento se alguém não gosta de mim. Houve duas coisas na minha vida que eu fiz: uma muito ruim que foi fumar. Eu fumei uma temporada - se alguém aqui fuma, larga o cigarro porque você está se matando – e eu me livrei disso há um bom tempo. Hoje tem dez mil pessoas por ano morrendo por tabagismo, sem fumar. A coisa boa que eu fiz na minha vida foi casar com a minha mulher que está aqui presente, a Bruna. Nós estamos fazendo cinquenta anos de casados, temos dois filhos e uma neta.

Essa foi a minha vida profissional. Como professor eu lecionei na Escola de Música Villa-Lobos e na UNIRIO e hoje sou aposentado. Aqui tem muita gente que estudou comigo, uns bastante, outros de vez em quando, outros me procuram e até hoje sou a pessoa que é um ponto de referência.

A minha filha organizou um arquivo meu de críticas que serve de consulta para muito colega. Tem colegas que estão aqui que foram pesquisar naquilo que eu tenho lá e hoje eu também doe todo o material que tenho de música para a UNIRIO, da seguinte maneira: se doar para a biblioteca não vai durar cinco anos e depois some tudo. Tudo que existe em matéria de música nas bibliotecas de nossa cidade está cheio de cupim ou está estragado, então, eu tive um conselho do professor

Afrânio Silveira para fazer uma doação no sentido de que fique responsável o professor. Então fizemos assim: ele na sala de aula tem um arquivo – não sei se já chegou o computador – e vocês que quiserem alguma coisa, daqui a algum tempo - já está sendo providenciado. Vocês pegam o *site* da universidade, digitam “acervo do professor José Botelho” e lá tem o que você quiser e imprime na sua casa. Ele está pretendendo ficar lá na UNIRIO pelos próximos trinta anos. Isso já deu frutos porque há outros colegas fazendo a mesma coisa, inclusive as outras universidades. Se alguém tem isso aqui e vai ser vendido o seu acervo para fazer papel reciclado, faça isso que eu fiz também porque é muito bom. Você vai ficar sempre na sala do professor.

Eu sou professor há muitos anos e toquei em toda a América do Sul, praticamente. Toquei na Europa com a Sinfônica Brasileira, fiz excursões internacionais e fiquei no Theatro Municipal durante vinte anos – de 1958 a 1977. Fiquei na OSB, sou fundador da Sinfônica Nacional e minha trajetória foi isso, sempre tudo correndo bem, sempre tocando aqui e ali, acertando e errando de vez em quando, porque ninguém é infalível, mas acho que os acertos foram maiores que os erros. Eu não tenho nada ruim na minha vida para contar pra vocês, mas sempre coisas interessantes.

Quando fomos para a Europa, estávamos na Holanda tocando num concerto da Sinfônica Brasileira e quem conhece o teatro de Amsterdã sabe que a orquestra fica no meio da sala e em volta fica o público e o público, praticamente, fica em cima da gente. Eu estava tocando a sinfonia *Novo mundo* e eu olhei para o colega, o professor Freitas, e eu não consegui vê-lo porque tinha um garoto ruivo, cheio de sardas, enfiado com uma parte no meio de nós dois. Eu levei um susto e pensei que o Freitas tinha mudado de cor, mas são coisas que acontecem, coisas engraçadas que eu teria que ficar aqui até amanhã contando. Algumas eu me lembro, outras a gente vai passar. Quando eu sair daqui aposto que vou dizer que me esqueci de falar algo. Isso faz parte da vida da gente. Eu nunca me arrependi do que fiz. Arrependi-me do que não fiz, mas como professor eu aconselho o professor que está aqui presente – o médico fala que o paciente com o mesmo problema de saúde é diferente de um para o outro, e se tem algum médico aqui, e eu sei que tem, ele sabe disso. O aluno é a mesma coisa – olho no olho, dente no dente, um no outro. Eu sou padrinho de casamento de muitos alunos meus. O professor Silveira, eu sou padrinho de casamento dele. Ele faz parte da minha família e eu faço parte da família dele. Eu descobri muita coisa em relação a isso.

Em primeiro lugar o estudo de um instrumento nunca é imediato, é sempre a médio e longo prazo, mas o bom professor tem que ter aquela carta escondida embaixo da manga, porque tem algumas coisas que se fala e o aluno dá resultado na hora e ele diz assim: - esse cara é bom! E você cativa ele. Tem alunos que você tem paciência ilimitada porque eu acho que enquanto respira, está vivo. Eu tenho um aluno que ficou brincando de clarineta cinco anos sem professor e quando ele veio para mim eu fiquei me perguntando o que ia fazer com ele. Depois de um ano, quando eu estava quase desistindo, ele começou a entender o caminho e hoje está tocando muito bem – ele me surpreendeu. Outros alunos eu falo, falo, falo, falo e ele diz que não consegue fazer o que eu digo, então o que eu faço? Eu sempre dou aula com o clarinete do meu lado, então eu peguei o estudo dele e toquei e perguntei se ele conseguia me imitar, aí ele tocou igual a mim. São coisas engraçadas que acontecem na vida.

Eu tenho um aluno em São Paulo, o Montanha, que ele foi comigo num curso de férias em Curitiba e ele trouxe para mim *Variações do Carnaval em Veneza* que existe mil e uma peças para clarinete, para trompete, para saxofone, para tudo o que é instrumento que alguém escreveu e aquele era de um autor italiano que não era difícil, mas tinha muita nota para tocar e eu disse: - estuda isso e no próximo festival, no ano que vem, você toca para mim. Cinco meses depois, em Campos de Jordão, ele estava com a peça lá e tocando bem. Eu perguntei como ele tinha conseguido. São essas coisas que acontecem, o professor é sempre surpreendido no bom sentido e às vezes no mal sentido, mas no mal sentido eu não me lembro de nenhum.

Eu sou uma pessoa que vive uma vida muito natural, sou caseiro – como se diz –, a minha mulher daqui a pouco vai pedir que eu saia de casa, porque eu passo o dia todo em casa. Sou muito amigo dos amigos. Tenho aqui colegas: Rubens, Turibio, Ricardo, Devos, alguns são colegas de escola, de aula, outros do dia-a-dia. O Devos, nós estamos juntos há 50 anos, mas a gente nunca se cansou um do outro. Viajamos muito juntos e toda a minha vida foi assim. Eu não tenho mágoa de nada, nem de ninguém, embora eu até possa ter tido, mas eu não ligo para isso não. Acho que sou uma pessoa feliz por causa disso, porque eu só me preocupo com aquilo que eu possa resolver. O que eu não posso resolver, eu desligo. Agora, se for amigo ou familiar a gente não consegue se desligar.

Eu sei que eu tenho limites. Meus filhos, às vezes, me perguntam alguma coisa e eu digo que eles têm que se situar junto aos seus chefes e amigos. Esse é o conselho que eu dou para todo jovem que está aqui. Nós temos que saber os nossos limites. É aquele velho ditado: você tem que saber onde seu nariz começa e acaba. Se alguém fizer isso, vai se sentir muito bem. Eu não tenho nada a esconder. Tenho a honra de ter tido inúmeras obras dedicadas a mim: Mignone, Siqueira - todas as obras de Siqueira foram dedicadas a mim. O Guerra-Peixe fez um *Duo para Clarinete e Fagote* e eu várias vezes pedi para ele fazer outro duo e até que um dia, depois de quatro ou cinco anos, eu perguntei se ele não tinha gostado da nossa execução e ele disse que se não fosse a gente o duo não seria tão bonito. Então, pedi para ele escrever outro e ele disse que não ia escrever porque ele não ia fazer outro igual. Ele já faleceu e não escreveu outro duo. É uma pena, porque deveria ser ainda mais bonito que o outro. Em compensação, o professor Ricardo Tacuchian fez um belo duo para clarinete e fagote, vai ser lançado em disco no ano que vem.

O único problema que eu tenho, é um problema com o qual me conformo porque é a vida. Eu com sessenta e poucos anos tive uma catarata e essa catarata evoluiu tanto que eu operei. Eu estou bem, enxergando de longe, mas de longe a cobra fuma. Então, quando eu toco em recital, eu decoro porque tenho facilidade de decorar e não tem outro jeito. Decoro e toco. Coloco a parte na frente só para dúvidas. Eu tenho um colega que me fez uma proposta: ele me daria um olho dele e eu lhe daria quatro dentes. Eu vou ficar bonito com um olho azul.

Existem outras situações que acontecem na vida da gente, como eu chegar num lugar qualquer para tocar e as pessoas, quando acaba o concerto, dizerem que pensavam que clarinetista só tocava em banda de música e chorinho.

Eu tenho um aluno que disse que vai fazer um livro sobre mim, aliás, o Ricardo Freire, em Brasília, está querendo fazer. Os alunos do professor Silveira fizeram uma pesquisa sobre a

atuação do clarinetista no Rio de Janeiro, dos anos quarenta para cá. Então, descobrimos que as maiores atuações na Sala Cecília Meireles, por exemplo, foram minhas e o segundo classificado ficou 50% atrás de mim e mais outro para trás, então, vocês vejam o quanto na minha vida andei tocando lá. Eu acho que aquelas paredes lá da Sala devem estar cheias de notas de clarineta.

Sempre fui uma pessoa feliz. Tenho uma família bonita, dois filhos espetaculares, uma neta espetacular e agora é só usar o resto que falta. Por enquanto, é isto que eu estou fazendo. A minha visão está daquele jeito e não há possibilidade de melhorar, mas uma vez me perguntaram se no caso de eu ficar bom eu voltaria para a orquestra e eu disse que nem pensar. Eu trabalhei em orquestra mais de cinquenta anos. O meu filho me perguntou o que eu toquei em orquestra e eu respondi que era mais fácil dizer o que eu não toquei! Foi uma vida inteira sentado numa cadeira e viajando para lá e para cá fazendo os concertos e assim foi.

Eu gostaria agora de colocar um pedacinho daquele disco comercial, faixa doze. O autor é Randolf Miguel. Essa obra tem três movimentos (som).

Essa peça se chama *Melos* e o autor é o Randolf Miguel, que está aqui presente. Essa peça foi dedicada para mim e para o Devos, porque pode ser tocada no fagote, também. As gravações que eu fiz até hoje em minha vida foram só de música brasileira. Eu só abri uma exceção que foi *Pastor no rochedo*, de Schubert, para soprano, piano e clarineta, a pedido do amigo João Daltro porque a cantora é prima dele, então, eu nem sei onde esse disco foi parar e se já foi editado. Essa foi a única exceção que fiz para tocar. Eu sempre gravei música brasileira. Nós temos gravações, por exemplo, do Guerra-Peixe como *Roda de amigos*, com flautistas americanos. Tem umas oito ou dez versões da *Roda de amigos* feitas.

Agora vamos colocar a faixa 13 desse mesmo disco (som).

Essa sonata foi escrita por Jayoleno dos Santos. Foi a primeira sonata brasileira feita para clarineta e piano. Essa sonata, que eu gravei e toquei na Sala Cecília Meireles, era só o Jayoleno que tocava, praticamente, pois ninguém mais tocava. Quando eu gravei, começou todo mundo a se interessar e hoje já existem outras gravações com outros músicos clarinetistas. Esse é mais um mérito que eu tenho de divulgar uma obra que estava na gaveta, praticamente. O Jayoleno dos Santos foi um professor da Escola de Música, foi professor de muita gente que está aqui, colega do professor Devos, do professor Rubens. Ele morreu recentemente, no ano passado, com noventa anos, um grande músico que ele era.

Muitas coisas que estão acontecendo agora com os colegas e alunos como quando vão tocar e encontram a cama feita, o hotel cinco estrelas. Nós nos preparávamos com o piano no tom baixo – coisa que não era brincadeira –, piano de armário. Hoje isso é difícil de encontrar. Eu depois disse que só tocaria com a passagem de ida e volta na mão e se não tivesse o quarto 440, 442, na Alemanha, senão eu não tocaria.

Aconteceram coisas interessantes. Uma vez o Almeida Prado ganhou um concurso com a peça de clarinete e orquestra de cordas e me mandou uma partitura. Eu comecei a ensaiar com a Orquestra

de Câmara do Brasil. Eu estava achando esquisito e a impressão que nós tínhamos era que eu estava em uma órbita e a orquestra em outra. Aí eu olhei na partitura e constava clarineta em *si*. Estava certo. Quando foi no dia do concerto, o Almeida Prado chegou para assistir o ensaio geral e me perguntou se eu havia feito a minha parte e eu disse que sim que estava em *si* e ele disse que a partitura estava em *dó* – um tom acima. Aí eu pedi para o Schwab me ajudar porque era um movimento só, uma peça para clarinete. O comecinho e o final eram lentos e nós clarinetistas tocamos muito clarineta em *dó*. Ele falou para que eu tocasse as cadências como eu estudei e eu falei que se fosse tocar seria tudo um tom acima. Então eu falei para o Schwab que tinha muita nota e que era para ele copiar de um lado que eu copiava de outro. Ficamos até a hora do concerto copiando o miolo daquela música. À noite, fui tocar o concerto, um tom acima. Claro que eu toquei devagar e algumas coisas mais depressa, mas hoje eu não faria isso de jeito nenhum, mas naquele tempo eu era meio louco talvez, era jovem, ambicioso e corajoso. Se vocês ouvirem uma gravação do Siqueira é a mesma coisa, eu tocava no Theatro Municipal naquela época e em um sábado nós fizemos o *Lago do Cisne*. Eu tocava na Orquestra e quando acabou o concerto e o balé eu fiz um lanche e fui para a Sala Cecília Meireles tocar e gravar ao vivo. Essa foi outra loucura que eu fiz e que eu não faria de novo de jeito nenhum, nem me pagando muito bem. O jovem tem essa vontade e faz. Eu sempre falo para os meus alunos que o que eles têm vontade de fazer e é certo, eles devem fazer agora, porque quando chegarem na minha idade fica difícil. Não é que eu não tenha saúde para isso e não possa fazer, mas a saturação vem com o tempo e não se tem mais entusiasmo para fazer isso.

As gravações todas foram feitas pelo nosso saudoso amigo Frank Justo Acker que era um incentivador da música brasileira. Ele gravou mil e uma coisas conosco. Quando eu estava tocando com o professor Devos e outros colegas mais, ele estava lá gravando. Eu tenho um arquivo imenso e é uma sugestão que faço aqui para a Academia para quem tiver contato com os filhos do Frank Justo Acker - eu tenho uma quantidade enorme de gravações lá em casa, dele. Não sei se eles se desfizeram disso agora, pois são inéditas, praticamente. Os garotos são um pouquinho difíceis, mas se souberem lidar com eles são gente boa. Eu dou uma sugestão para que a Academia ou outra entidade entre em contato com os filhos dele, porque tem lá muita coisa boa. Tem todos os instrumentos e não é só comigo e com o Devos, tem piano, gravações com orquestra, de primeira audição; ele tem um acervo. Uma vez eu fui a casa dele e tinha um quarto lá que era do chão ao teto só de gravações em fita rolo.

Para terminar, eu pediria que pusessem aquele disco que é uma matriz do que vai sair aqui pela Academia, em homenagem ao Siqueira. Vai ser tocado o primeiro e o segundo movimentos do estudo de clarineta e piano. São três estudos, mas vão ser tocados, apenas, os dois primeiros. Por favor, a faixa três e quatro do José Siqueira (som).

Na primeira peça do Jayoleno a pianista foi a Fernanda Canaud, nessa aqui, que foi feita ao vivo, foi o Murilo Santos. Os ensaios com o Murilo são fenomenais, porque o Murilo sempre chega atrasado, sempre está atrapalhado, sempre tem um problema e sempre tem que ir ao banheiro. Ele é um grande colega, um grande amigo e eu gosto muito dele, é um músico espetacular, trabalhar com ele é uma alegria. O apelido dele é “rolinho”, porque é todo enrolado.

Tenho alunos que se apresentam em tudo quanto é lugar. Soube que um tocou recentemente na Casa Rui Barbosa uma peça de um autor brasileiro, também, e colega dele, mas ele estava tão preocupado que ele tocou de cor, mas fechou os olhos e foi se mexendo, se mexendo no palco e quando terminou a peça estava de costas para o público. Isso não é piada não, é verdade.

Eu sou o fundador da Orquestra Sinfônica Nacional, sou fundador da Orquestra da OSESP de São Paulo, sou fundador da Orquestra Sinfônica do Porto – quando a orquestra começou, eu tinha dezesseis anos. Uma vez eu fui para Friburgo com o Schwab e tinha lá um evento qualquer e quando chegamos em Muri ele me disse que tinha um amigo que era tcheco e me pediu para ir lá conversar com ele. Eu disse que não tinha problema nenhum. Ele foi procurar o amigo. Ele era escultor e fazia peças em barro, em argila. Fiquei com a esposa e o filho do Schwab conversando e vendo as coisas de lá. Passou um tempo, ele voltou e disse para o homem que eu era o amigo dele, o Botelho. O homem me disse que também tocava clarinete e que sempre comprava “O Globo” e que eu estava sempre aparecendo. Ele disse que era o meu fã número um. Quando nós saímos de lá eu disse para o Schwab que naquele dia eu tinha me sentido um pouco do Pelé porque lá no meio do mato o cara me conhecia. Isso porque a rádio MEC transmite muita coisa minha até hoje. Sempre foi assim a minha vida, corre pra lá, corre pra lá, muitas peripécias.

Acho que se eu juntasse tudo o que fiz em música daria uns anos sem parar. Eu toquei uma vez uma ópera *Carmem* com uma orquestra que era um misto das orquestras do Rio de Janeiro e o maestro era búlgaro ou húngaro e ele foi entrevistado. Nós tínhamos oito ensaios e oito espetáculos – nós ficamos juntos um mês trabalhando. Ele disse que era uma pena aquela orquestra se dissolver porque teria um futuro muito bom. Ele disse que tinha em pensamento um clarinetista fantástico e eu disse que não havia pagado nada para ele, nem almoço, nem nada. Ele achou que eu sou bom, mas eu não tenho nada a ver com isso.

O Edino Krieger escreveu uma crítica no Jornal do Brasil dizendo que eu sou “um senhor clarinetista”. O Antônio Hernandez dizia que eu tinha *som de prata pura* e vai por aí afora. Eu acho que o Fernando conhece mais do que eu porque ele vai lá em casa e fica mexendo nos meus arquivos e sabe mais das minhas novidades. Eu tenho a impressão de que se vocês entrarem na internet e digitar “clarinetista José Botelho” você vão ver o que aconteceu comigo por aí. A minha mulher tentou imprimir isso, mas desistiu porque ela ia gastar uns dois ou três cartuchos de tinta. Tem muita coisa lá que eu não sei. Eu acho que uns dos causadores disso aí é o Fernando que está sempre metendo o bedelho lá na internet. Ele faz muito isso.

Todos que estão aqui são meus amigos, senão não viriam aqui. Se eu disser que nunca me decepcionei na minha vida, eu não sei, porque eu não sou muito de guardar o passado. Eu sou muito do hoje e do presente; do futuro, amanhã. Eu não faço planos para muitos anos, principalmente pela idade que já estou. Dia 24 de fevereiro do ano que vem eu farei setenta e oito anos e estou aberto para receber presente, é só pedir meu endereço. As pessoas mais íntimas sabem que sou uma pessoa, dentro da medida do possível, correta, amigo dos amigos e pronto para uma cervejinha também, mas dentro dos limites, é claro. Eu gosto de bater papo, de conversar, de receber amigos, de ir para casa de amigos – boca livre é comigo. Essa é a minha vida.